



NOSSA CLASSE

**Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!**

Boletim Sindical do Partido Operário Revolucionário - Ano XIV – Março 2018 / e-mail: nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org

POLÍTICA OPERÁRIA



Lutemos contra a ditadura civil de Temer

Não devemos nos enganar. A intervenção militar na segurança do Rio de Janeiro não visa a proteger os pobres. A segurança, a polícia e a justiça servem apenas para proteger a propriedade, o dinheiro, o luxo e a vida dos ricos. Os milhões de trabalhadores que são empurrados para os morros, favelas e cortiços nunca tiveram e nunca terão proteção do Estado. Isso por que não têm propriedade, não têm dinheiro e suas vidas têm valor somente quando servem de força de trabalho para os capitalistas exploradores.

O narcotráfico se instala nos bairros pobres justamente porque ali concentra o desemprego, o subemprego, os salários que mal dão para comer e a juventude que não tem como escapar desse cerco social. Nos bairros dos ricos, estão os consumidores das drogas. Assim, a guerra

entre o narcotráfico e a polícia se dá apenas no interior dos bairros miseráveis. A intervenção militar não é nova. Já demonstrou que as Forças Armadas não fazem senão aumentar a violência sobre a população oprimida.

O golpe de Estado, que derrubou o governo de Dilma Rousseff, instalou no País um governo de ditadura civil. Temer impôs as terríveis reformas, que sacrificam ainda mais os assalariados e que aumentam a pobreza. Agora, está militarizando a política e fortalecendo o aparato de repressão contra a população explorada.

O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a se colocarem contra o intervencionismo militar e contra a militarização da política. Fora a intervenção militar no Rio de Janeiro! Abaixo a ditadura civil de Temer!

Não baixar a guarda

Estão dizendo que Temer sofreu uma derrota ao não conseguir aprovar a reforma da previdência. Atenção! Cuidado! Não houve derrota do governo. A reforma da previdência não foi abandonada. Mais cedo ou mais tarde, o Congresso Nacional a colocará em votação.

A alteração para pior no regime da aposentadoria é uma exigência do capital financeiro, dos banqueiros e dos investidores estrangeiros (imperialistas). A burguesia quer a todo custo que o Tesouro Nacional tenha mais recursos para pagar os gigantescos juros e encargos da dívida pública (mais de 500 bilhões de reais). A solução negativa recai sobre os assalaria-

dos e não sobre os capitalistas. Somente um levante em todo o País da classe operária e demais explorados poderá derrotar o governo, obrigando-o a abandonar a reforma da previdência.

As direções sindicais que estão dizendo que Temer foi derrotado escondem a verdade. É cômodo para elas, porque não querem manter acesa a luta por meio das greves e manifestações. Agora, só pensam em como participar nas eleições de outubro.

O Boletim Nossa Classe diz aos trabalhadores: Não baixar a guarda! Manter a luta acesa contra a reforma da previdência. ■

Divulguem e participem do Boletim Nossa Classe. É um Boletim que vive apenas da contribuição de seus militantes e dos trabalhadores. Façam sua contribuição. Mais do que isso, participem denunciando a exploração nas fábricas.

CONTINUAR LUTANDO CONTRA A REFORMA TRABALHISTA

As consequências mais duras da reforma trabalhista ainda estão por vir. Mas, em muitas fábricas, já se sente o seu peso. Vêm aumentando a terceirização, os contratos estão sendo revistos e os salários são rebaixados para a mesma função. O governo se vangloria do fato do desemprego ter diminuído. A maioria das contratações, no entanto, tem sido sem carteira assinada. Parte delas já se encaixa na forma de contratos precários.

Como se vê, a luta tem de continuar para impedir a implantação dessa violenta reforma. Não será por meio de luta isolada (por fábrica), não será recorrendo à Justiça do Trabalho e não será por meio de coleta de assinaturas para entregar ao Congresso Nacional que a reforma trabalhista será enterrada. Terá de ser por uma luta árdua, coletiva e nacional. A reforma foi aprovada porque faltou luta, faltou a greve geral por tempo indeterminado. Está sendo implantada porque falta luta.

O Boletim Nossa Classe defende: que os sindicatos convoquem assembleias para discutir o combate à implantação da reforma trabalhista. Defende que as centrais sindicais reorganizem a frente única pela derrubada dessa reforma antioperária. ■

Reforma trabalhista e imposto sindical

O governo golpista aproveitou a reforma trabalhista para inviabilizar o imposto sindical. Sabemos que os assalariados não aprovam esse desconto obrigatório. Temer quis, assim, ganhar a simpatia da classe operária. Os dirigentes sindicais, por sua vez, dizem que sem esse desconto anual de todos os trabalhadores não tem como os sindicatos funcionarem. A Força Sindical fez uma assembleia para aprovar a continuidade do desconto. Essa é a orientação das centrais. Certamente, se abrirá uma discussão jurídica se é legal ou não esse caminho. A reforma trabalhista diz que o desconto só pode ser feito com a autorização de cada trabalhador.

O Boletim Nossa Classe lutou e luta contra a reforma trabalhista. Denuncia a manobra de Temer de incluir o fim do imposto sindical. Temos, portanto, de lutar pela revogação da reforma trabalhista como um todo. O Boletim Nossa Classe entende que não se deve impor por força de uma lei o fim do imposto sindical. Os sindicatos são dos trabalhadores e devem ser mantidos pelos trabalhadores. Para isso, a filiação ao sindicato é a forma de sustentar sua organização independente. ■

Patrões começam a pôr em prática a reforma trabalhista

Desde que entrou em vigor a Lei 13.467/17, o patronato se tem aproveitado para aumentar os seus lucros, retirando direitos. Empresas no ABC não estão efetuando o pagamento da hora-extra nos feriados e folgas (jornada 12X36) aos trabalhadores de Asseio e Conservação, causando indignação e revolta. Os trabalhadores procuraram o sindicato da categoria, alegando que não constava no holerite o pagamento das horas extras, referentes aos feriados do mês. Foram comunicados que a empresa se baseou no art. 59 da Lei nº 13.467/17.

Eis aí um exemplo da aplicação da reforma trabalhista. Além de avançar a terceirização, os patrões fazem valer a reforma, que arranca direitos e esfolia os trabalhadores. ■

É preciso avançar a sindicalização

O operário consciente entende que a filiação ao sindicato é a forma de defender sua organização classista e independente da burguesia e do Estado. Muitos simplesmente ignoram a importância dos sindicatos. Outros negam a filiação por achar que o seu sindicato não está cumprindo a defesa do trabalhador. Os mais politizados criticam a direção do sindicato “por não fazer nada” e por tirar vantagens deles.

O Boletim Nossa Classe está de acordo que o imposto sindical possibilitou a formação de uma burocracia dirigente parasitária. E possibilitou transformar os sindicatos, que eram órgãos de luta, em agência de serviço e assistência. Os sindicatos surgiram para organizar coletivamente a luta contra a exploração capitalista do trabalho, as demissões, o desemprego, os baixos salários e a prepotência patronal. Trata-se, portanto, de recuperar essa função histórica dos sindicatos. Para isso, a classe operária deve reagir à burocratização dos sindicatos, impor a sua democracia e constituir verdadeiras direções classistas.

8 de março: dia internacional da mulher

Esse dia internacional da mulher ocorrerá sob a reforma trabalhista. O que já era ruim piorará ainda mais. Os trabalhos informais, terceirizados, os contratos intermitentes e a precarização discriminarão ainda mais a mulher trabalhadora. A reforma da previdência prevê o aumento da idade das mulheres para se aposentar, que antes servia para diferenciar a mulher do homem. Diferença essa que correspondia à dupla jornada que sacrifica a vida das mulheres. As mulheres sempre receberam menos que os homens. Com a reforma trabalhista, a discriminação será maior.

O Boletim Nossa Classe defende que as mulheres operárias participem dos sindicatos, das assembleias, das greves e manifestações. É assim que se fortalecerá a sua organização e a defesa de suas reivindicações (trabalho igual salário igual, jornada diferenciada, proteção à maternidade, etc.), como parte do programa operário. O Boletim Nossa Classe entende que se trata de libertar as massas femininas da opressão capitalista. Está aí por que as mulheres devem participar da tarefa de organizar o partido operário revolucionário e lutar firmemente pelo socialismo.